

A Produção de Vídeo Estudantil e o Deslocamento Conceitual para o Cinema

Josias Pereira¹

Vania Dal Pont²

Resumo

A produção de vídeo Estudantil está em todo o território nacional, no entanto muitos professores não têm capacitação para essa função e aprendem com profissionais do cinema a fazer vídeo dentro do espaço escolar. Porém muitas técnicas do cinema não são recomendadas para a educação em função das especialidades de cada área. Por isso o projeto de extensão Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo estudantil (LabPVE) criado em 2011 vem realizando este deslocamento conceitual entre o cinema e educação, priorizando que as técnicas do cinema sejam adaptadas para dentro do espaço escolar e que a mesma apresente uma intencionalidade pedagógica no ato de fazer vídeo. Neste sentido, este artigo tem por objetivo discutir esses deslocamentos conceituais feitos pelo LabPVE nos últimos anos, principalmente na criação do *Pitching* do Roteiro que foi desenvolvido em função de um problema que os professores da educação básica que produzem vídeo vivenciam na prática. O grupo de pesquisa Produção de Vídeo Estudantil que é uma das ações do LabPVE contribuíram para a criação desta técnica do *Pitching* do Roteiro. O Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão (2018) e o curso de roteiro on line (2019, 2020) subsidiam esta pesquisa. Percebemos que o deslocamento conceitual pode e deve ser feito com base nas necessidades de cada área do conhecimento.

Palavras-chaves: Extensão, Produção de Vídeo, Educação

1- Introdução

Produzir vídeo dentro do espaço escolar é uma ação recorrente em várias escolas brasileiras, vide o número de festivais de vídeo estudantis no Brasil, como indicado no I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (CBPVE) de 2016, que registrou cerca de 50 festivais de vídeo estudantis em todo território nacional. Se existem festivais de vídeo estudantil, é porque provavelmente existem professores e alunos que

¹ Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas, Coordenador do Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil da UFPel. Doutor em Educação

² Doutoranda do curso de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

estão produzindo vídeo dentro de suas escolas. Sendo assim, nota-se a existência de professores produzindo vídeo com seus alunos, porém em sua maioria sem capacitação técnica para realizar esta ação. Segundo Pereira e Mattos (2017) a formação docente carece por não ensinar a usar a tecnologia na prática do dia a dia na sala de aula. Várias dúvidas podem ser levantadas, que vão desde a formação docente e como esses professores aprendem a produzir vídeos sem capacitação, todavia, pretende-se discutir neste texto é como essa ação de fazer vídeo teve início e qual a relação entre o cinema e a educação no Brasil.

2- Metodologia

2.1-Histórico

No início do século XX, o cinema despontava e estava em alta no mundo, mantendo relação com diversas áreas do conhecimento, a educação por sua vez, era uma área que namorava o cinema e pensava nas suas ações sendo praticadas dentro de um contexto educacional e como estas ações poderiam funcionar. O cinema enquanto novidade técnica chamava atenção de toda sociedade, dado que era a primeira vez que as pessoas viam imagens em movimento de forma simples e clara. Percebe-se que a relação do cinema e da educação teve seu início logo após a primeira exibição pública dos irmãos Lumière em 1895, pois alguns professores começavam a usar esta tecnologia de modo social. Assim, nasceu o Cinema Instrutivo, que posteriormente passou a ser chamado de Cinema Educativo, ligado a filmes comerciais que poderiam ter uma ação pedagógica de forma indireta, pois se congregava o debate entre alunos e professores pós filme.

O cirurgião e professor Eugene Louis Doyen, no ano de 1898, apropriou-se da técnica cinematográfica da época para gravar uma cirurgia, como demonstra a Figura 1.

Figura 1 Cena do vídeo *La Séparation de Doodica-Radica* (1898). Fonte: Cinemacientífico



Fonte: Cinemacientífico

A Figura 1 apresenta um filme realizado em 1898, que mostrava a separação de duas irmãs siamesas e ficou conhecida pelo título de: *La Séparation de Doodica-Radica*. O vídeo foi utilizado pelo professor Doyen em suas aulas, para apresentar aos seus alunos questões sobre a cirurgia.

No hospital Saint Michel de Paris, todas as quintas-feiras, á tarde, são projetados filmes cirúrgicos com ensino visual e auditivo para os acadêmicos. O mesmo se faz no hospital de São Luiz, sendo que neste há as lições dadas pelo microfone com alto falante. E ainda mais, vários desses filmes são em cores, o que aumentam o interesse e o valor da exibição. (SANTOS, 2010, p.70)

Assim, o cinema começou a criar um debate sobre as suas ações na forma educacional e qual seria a sua função dentro desta ação.

Em 1900 a norte americana De Vry School Films Incorporated, produziu filmes sobre assuntos como cidadania americana; eletricidade; estadistas americanos; estudos da natureza; geografia; guias de aptidão profissional e ciências. A empresa também colocou no mercado uma variada linha de equipamentos para uso do filme na escola. (SANTOS, 2010, p.70)

Neste período, especialistas em educação do mundo inteiro, discutiam ações que o cinema poderia ter dentro do espaço escolar, pois para os estudiosos da época, os filmes poderiam conduzir para dentro da escola, um mundo que ficava além dos seus

Revista Tecnologias na Educação – Ano 14 – Número/Vol.37 – Edição Temática XVIII -
 tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

muros. No Brasil estava em voga no início do século XX os Museus, que contribuíam com o processo educacional, pois além de ser um espaço educacional, o Museu Nacional apresentou inovações para sua época, como o uso da imagem e das tecnologias educacionais.

Para melhor atender à função educativa do Museu Nacional, no plano de obras realizadas no edifício do Museu Nacional foi inaugurada em 1913 uma sala destinada aos cursos, provida de um anfiteatro e de aparelhos de projeção, com capacidade para 70 ouvintes. Essa iniciativa permite avaliar a importância atribuída à instrução nesse período, assim como a preocupação em investir em novas metodologias educacionais, utilizando tecnologias e recursos técnicos que valorizavam o uso da imagem, em sintonia com as novas propostas educacionais em circulação. (SILY, 2012, p. 172).

O Museu Nacional abre um espaço chamado Museu Escolar Nacional que se tornou um espaço de capacitação docente e de pesquisas sobre diversas áreas. Dentre as áreas que mais se sobressaíram, destaca-se o audiovisual, que se expandia com elevada relevância, dada a presença do professor e pesquisador Roquette Pinto e as suas ações, na relação entre o cinema e a educação. Os museus eram espaços de debate e pesquisa, e o cinema que na época era uma novidade técnica e tecnológica, foi muito debatido entre os seus frequentadores e o documentário era um dos gêneros que agradava os professores.

No cinema os filmes documentários, foram os primeiros a ser realizados, e tinham como base retratar um ponto de vista da realidade. Esses filmes foram os que chamaram a atenção dos professores por terem a possibilidade de apresentar para os alunos uma realidade distante do seu dia a dia.

Os educadores poderiam contribuir trazendo para o cinema o discurso da educação, da ciência, das artes, da literatura, dignificando este entretenimento popular e formando um “bom” público de cinema. O cinema educativo, na perspectiva da história do cinema tal como era vista no período, daria conta de fazer o cinema nacional passar para uma nova etapa na “escala evolutiva” do cinema mundial. Nesse processo educativo poderíamos dizer que a produção nacional passaria do filme natural para o estágio do documentário. (CATELLI, 2007, p. 5)

Discutia-se a possibilidade de os cineastas produzirem filmes que pudessem contribuir para o processo educacional, como por exemplo, poder mostrar um filme sobre os espaços culturais de países da Europa e após assistir, refletir sobre ele.

As origens do cinema educativo no Brasil estão diretamente ligadas às ideias pedagógicas em circulação no mundo ocidental no início do século XX, defendidas por cientistas e educadores que, dentre outras, acreditavam e defendiam ser a imagem e o cinema, assim como o rádio, os mais eficientes meios para promover a popularização da educação. (SILY, 2012, p. 297)

No início do século passado o debate entre cineastas e pedagogos era justamente sobre o uso do cinema dentro do espaço educacional, pois se acreditava que os filmes poderiam contribuir com a aprendizagem dos alunos.

Um dos expoentes brasileiros nesta relação de cinema e educação foi o professor Edgar Roquette-Pinto que se formou em medicina em 1905, sendo professor assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1906. Como no Museu Nacional existiam ações pedagógicas, acredita-se que Roquette-Pinto inspirado por estas ações, criou a filmoteca em 1908. No Museu Nacional onde trabalhava, Roquette-Pinto recebeu diversos materiais de antropologia do Brasil inteiro, dentre eles o material do Marechal Cândido Rondon, que era fruto de suas expedições pelo interior do país.

Na década de 1910, Marechal Cândido Rondon fez uma expedição que tinha como objetivo promover a integração do território brasileiro, o projeto dentre as suas missões tinha como um dos objetivos levar o telégrafo para todo o interior do Brasil. No ano de 1912 Roquette-Pinto foi convidado para participar e uma das expedições de Rondon. Nesta expedição passou pela Serra do Norte, zona compreendida por partes de Mato Grosso, Amazonas, Pará, Acre e Guaporé onde Roquette-Pinto conheceu e gravou imagens com uma câmera de cinema dos índios Nhambiquaras do Brasil-Central.

Figura 2 Roquette-Pinto gravando os índios Nhambiquaras



Fonte: Museu Nacional

Assim, Roquette Pinto iniciou no Brasil uma relação entre o cinema e a educação, pois as gravações realizadas, foram disponibilizadas para os professores no Museu Nacional. No ano de 1936, Roquette-Pinto criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) e foi seu diretor até o ano de 1947.

Das diversas ações que Roquete pinto realizou no Brasil uma delas que devemos destacar é a sua percepção no desenvolvimento e contribuição da comunicação de massa na época, o rádio e o cinema para o desenvolvimento social tanto do indivíduo quanto da sociedade. Em 1932 Roquette-Pinto participou do Manifesto Escola Nova, onde ajudou a introduzir o cinema nas escolas, pois acreditava que seria uma ação que poderia contribuir como uma ação pedagógica na relação do cinema com a educação. Colaborou com a criação do decreto 21.240 de 1932, que instituía a obrigatoriedade de exibição de filmes educativos nos cinemas comerciais, o que estimulou vários profissionais da área do cinema a criarem vídeos com teor educativo ou pedagógico.

No início o cinema foi ignorado pelos intelectuais, pois o consideravam como algo simplório. Segundo eles as imagens eram de fácil compreensão, porém aos poucos essas imagens, principalmente as de paisagens e cidades, foram encantando a todos e especialmente os professores que viram neste artefato tecnológico espaço para educar. Thomas Edson, um dos percursores do cinema mundial quando perguntado qual seria a sua visão do valor educacional do cinema em 1913 afirmou que:

Os livros em breve serão obsoletos nas escolas. Estudantes serão ensinados através dos olhos. É possível ensinar a todos os ramos do conhecimento humano com a imagem em movimento. Nosso sistema escolar estará completamente mudado dentro de dez anos. (PINHEIRO, 2015, p.50)

Thomas Edson errou a data, as escolas não mudaram em 1923, mas certamente o cinema impactou o sistema educacional de forma lenta, porém irreversível. Toda tecnologia quando surge cria um impacto sobre as tecnologias que estão em funcionamento e é justamente o uso social que os indivíduos fazem de uma nova tecnologia, que a modifica e reestrutura suas ações. O cinema passou de novidade e espetáculo de cafés, para adentrar aos Museus Pedagógicos criando ações educacionais, mediante a ação docente. O próprio Thomas Edson criou filmes para educar seu neto.

Edson verificara que o curso normal de certos estudos representa um máximo de enfado para um mínimo de interesse. Foi por isso que resolveu fazer para

a educação do neto, filmes de física, química e história natural. O êxito da iniciativa de Edson foi reconhecido pelos pedagogos e em breve as escolas norte-americanas davam exemplo ao resto do mundo empregando o Cinema, não só para fins meramente instrutivos, mas integralmente educativos. (SERRANO; VENÂNCIO FILHO, 1931, p. 25)

Thomas Edson estava interessado em aplicar o cinema como forma de educar, ampliando assim as possibilidades deste novo invento que cada vez mais chamava a atenção dos pedagogos.

2.2- O cinema e a escola

Apresenta-se até o momento, o início da conexão entre o cinema e a educação, entretanto, quando se teve início a produção de vídeo especificamente dentro do espaço escolar?

No início da década de 1910, muitos professores levavam seus alunos ao cinema para ver as “fitas” comerciais ou instrutivas, e após a exibição destes vídeos, era feito um debate pedagógico com os alunos. É importante pontuar que em 1910 eram os alunos da classe média que frequentavam às escolas e nesta época a religião católica exercia grande poder e influência na educação, por isso fazia um controle social dos filmes que os alunos poderiam ver, sendo que estes tinham que ter uma relação atrelada a boa moral. Dal Pont (2017) informa que Jonathan Serrano, por exemplo, levava alunos ao Cinema e se preocupava com a moral que os filmes apresentavam.

Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho, em 1931, publicam o livro “Cinema e Educação”, explicando para os professores como deveriam utilizar o cinema dentro de um contexto educacional. O livro apresenta algumas das características morais que o filme educativo deveria conter, dentre elas, o conteúdo a ser usado na construção moral do aluno. (DAL PONT, 2017, p. 2)

Dentro deste contexto em 1916, dois professores: o médico higienista Fábio Lopes dos Santos Luz³ e o funcionário público municipal José Venerando da Graça

³ Em 1916, no Diário Oficial da União dos dias 13.09.1916 e 31.10.1916, o Sr. Venerando da Graça apresenta à Diretoria Geral da Indústria e Comercio a invenção das fitas pedagógicas, —um novo sistema de ensino prático escolar, constituído de enigmas figurados e pitorescos, com anúncios e reclames apropriados a croquis, fotografias, desenhos e paisagens, aplicado em uma fita ou fitas cinematográficas,

Sobrinho, tiveram a ideia de criar fitas de vídeo pedagógicas com seus alunos com temas morais educacionais. Moreira (2014) informa que:

É nesse contexto, em 1916, que os Inspetores da Educação Pública do Distrito Federal, José Venerando da Graça e Fabio Luz, realizam uma experiência, peculiar à época, de fazer filmes com os alunos. O objetivo era que os próprios discentes filmassem aquilo que seria exibido na escola. Foram quatro filmes e um livro publicado por Venerando para contar o processo. (p. 19)

Porém, fazer cinema em sala de aula naquela época não era uma tarefa fácil. O material utilizado para as gravações das fitas de vídeo pedagógicas, eram as chamadas “películas cinematográficas”, que além de custar caro, precisavam de muito cuidado com o seu manuseio, para que não se perdessem as imagens gravadas. Assim, os operadores de câmeras deveriam ser extremamente cuidadosos e ter alta especificidade técnica no manuseio das películas.

Diante desta informação, constata-se que os alunos participaram apenas como atores dos filmes produzidos na escola. Porém, Moreira (2014) informa que o objetivo do projeto dos professores José Venerando da Graça e Fabio Luz “era que os próprios discentes filmassem aquilo que seria exibido na escola”, mas, se percebe que existe um certo exagero nesta afirmação, pois por não haver conhecimento da parte técnica, seria impossível dos alunos e dos professores realizarem a filmagem naquele momento. Ferreira (2004) informa que:

Como não detinham conhecimento de como operar uma câmera cinematográfica, Venerando da Graça e Fábio Luz contrataram um cineasta francês, Cyprien Segun, com experiência de câmera e laboratório da França. Em conjunto, Luz e Graça fizeram a produção inicial de quatro filmes, denominados fitas pedagógicas (p. 21)

Fica claro, que o filme não foi feito pelos alunos, mas sim por um técnico especializado que editou a película gravada em um equipamento de edição chamado moviola. Pinheiro (2015) informa que “os roteiros dos quatro filmes foram escritos pelo inspetor escolar e médico, dr. Fábio Luz”, esta afirmação confirma a suspeita de que os alunos participaram deste projeto apenas como atores, e não realizando a proposta

denominado – Fita pedagógica, de Arthur Pythagoras Toval Conrado e José Venerando da Graça Sobrinho (D.O.U 13.09.1916 p. 12); (D.O.U 31.10.1916)

inicial que os professores haviam pensado, que era os alunos criarem os vídeos. Mesmo a película e todo processo químico, tendo um alto custo, os professores não hesitaram em produzir as fitas pedagógicas.

Estes inspetores, o médico higienista Fábio Lopes dos Santos Luz e o funcionário público municipal José Venerando da Graça Sobrinho, se propuseram com recursos próprios a produzirem filmes, pelos mesmos denominados de “fitas pedagógicas” cujos fins eram: “educar, instruir, recrear e proteger a criança. (FERREIRA, 2004, p. 78)

Segundo Ferreira (2004), a vontade que os professores entusiastas tinham em realizar um filme com seus alunos era tão grande, que acabaram utilizando de recursos próprios para bancar os custos da filmagem e do cinegrafista. Porém, será que este esforço foi importante para os alunos? Venerando da Graça em artigo publicado em 1917, comenta sobre as fitas pedagógicas.

A educação moral mais útil e de resultados mais prontos é aquela que se dirige diretamente à sentimentalidade do indivíduo, educando a e desenvolvendo-a para o bem. Para isto se conseguir cumprir se acordar essa sentimentalidade e sacudi-la por meio de emoções e nada melhor para se alcançar o fim desejado do que se acompanhar em um filme cinematográfico o desenrolar de qualquer cena, de fundo moral puro e são.

Ai, as personagens têm movimento, ação, vida. Acompanha-se o desenvolvimento de todas as cenas com interesse crescente. A sentimentalidade é despertada fortemente. Esse interesse estimula e ativa a circulação geral, e principalmente a cerebral. As células cerebrais são por isso melhormente irrigadas, e esse fato concorre poderosamente para que elas sejam facilmente impressionadas e conservem por longo tempo as imagens que as impressionaram. Uma boa circulação é um poderoso auxiliar da memória, porque as células cerebrais, quanto mais bem irrigadas, tanto maior poder de aquisição adquirem. E nada melhor para ativar a circulação do que as emoções, quaisquer que sejam. O que se precisa fazer é a escolha das emoções. [...] E como todas as emoções se dirigem e fazem sentir no cérebro, o educador deve ter todo o cuidado em fazer que o cérebro de seus alunos funcione regular e harmonicamente. Podemos considerar o nosso cérebro como uma verdadeira máquina fotográfica, da qual os órgãos dos sentidos são a objetiva; as células cerebrais as chapas fotográficas a serem impressionadas; e a memória, o grande revelador e fixador por excelência. É ela que se encarrega de revelar o que se contém nas chapas cerebrais (FERREIRA, 2004, p. 78)

Os alunos atuaram nos filmes, juntamente com atores da cidade que foram convidados a participar da produção das fitas pedagógicas. Segundo Ferreira (2004) a preocupação de Venerado da Graça e Fábio Luz com a educação moral da sociedade carioca no início dos anos de 1910, foi uma das alavancas que os impulsionaram para a produção das fitas pedagógicas com o intuito de debater a sociedade.

A educação moral mais útil e de resultados mais promotor é aquela que se dirige diretamente à sentimentalidade do indivíduo, educando-a e desenvolvendo-a para o bem. Para isto se conseguir cumpre se acordar essa sentimentalidade e sacudi-la por meio de emoções, e nada melhor para se alcançar o fim desejado do que se acompanhar em um filme cinematográfico o desenrolar de qualquer cena, de fundo moral puro e são. [...] (FERREIRA, 2004, p. 27)

Após a iniciativa de Venerado e Luz em 1917, percebe-se que na produção de vídeo é preciso que o aluno adentre no projeto do fazer vídeo de forma mais ativa. Ao abordar a relação do cinema com a educação deve-se ter em mente que são áreas do conhecimento que tem objetivos diferentes, pois o processo da educação leva em consideração a formação de um indivíduo para a sociedade, baseando-se em normas e regras que essa sociedade organizou, sendo assim, o processo educacional é fundamental para o desenvolvimento psicológico moral, social e financeiro da sociedade. Por outro lado, não se deve deixar de lado o poder da subjetividade que os meios de comunicação, dentre eles o cinema e o vídeo, produzem na formação do ser humano. É interessante ter em mente que a mídia está todo o tempo presente na vida dos alunos, e isso pode interferir de forma negativa ou positiva em sua formação.

O Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil e o Deslocamento conceitual entre as Áreas de Cinema e Educação

A produção de vídeo estudantil ganha força em 2000, com a criação do I Festival de Vídeo Estudantil do Brasil, criado pelo professor Valmir Michelin e realizado na cidade de Guaíba (RS), desde então, outras cidades criaram seus festivais de vídeo estudantis. Assim, hoje encontram-se com facilidade professores e alunos produzindo vídeo com celular e sem equipamentos profissionais, porém, o campo do vídeo faz parte da área do cinema e a maioria dos cursos de cinema são de bacharelado sem cadeiras de ensino⁴. Muitos profissionais que realizavam oficinas nas escolas levavam para as escolas as técnicas do cinema que funcionavam para alguns professores, mas sempre deixavam outros professores sem conseguir fazer o vídeo desejado.

⁴ Em 2012 a Universidade Federal Fluminense criou até o momento o único curso de Cinema Licenciatura do Brasil.

Em 2011 fora criado na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) o projeto de extensão Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE⁵), que tinha o objetivo principal de capacitar professores da educação básica na produção de vídeo estudantil. Para realizar essa ação a LabPVE realiza várias ações, sendo que uma delas é o Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (CBPVE), onde os dados do congresso são utilizados para análises e estudos feitos pelo projeto. Uma das reclamações registradas pelos professores era a forma complicada das técnicas do audiovisual, que eles utilizavam na produção de vídeo estudantil. Assim, o LabPVE realizou ações em conjunto com os professores e percebeu-se que um dos problemas, encontrados, era que os professores usavam técnicas de cinema para fazer seus vídeos. Porém como informa Pereira e Dal Pont (2017), a produção de vídeo realizada na escola é uma ação pedagógica, sendo assim, deve ter como principal ação a intencionalidade pedagógica para o currículo formal ou oculto. O LabPVE, analisou as principais reclamações e dificuldades dos professores e desenvolveu algumas ações para colaborar no deslocamento conceitual entre as técnicas do cinema e a educação.

Deslocamento Conceitual

Conceitua-se deslocamento conceitual, quando ocorre umnexo entre duas áreas do conhecimento, porém, deve-se levar em consideração que uma área absorve conhecimentos da outra, dentro de sua realidade e atuação, pois no caso da produção de vídeo estudantil, o cinema tem toda a sua técnica para produzir um vídeo, mas quando se faz um recorte paralelo de uma teoria do cinema para a educação, não se pode apenas retirar e usar diretamente na educação a teoria desejada. É importante que no deslocamento conceitual seja realizada uma adaptação para a nova área, pois assim essa outra área passa a utilizar esse conhecimento dentro da ação necessária.

3- Metodologia

Durante o ano de 2018, no Festival de Vídeo Estudantil da cidade de Capão do Leão (RS), recebe-se dos professores uma crítica sobre o roteiro para vídeo estudantil,

⁵ <https://wp.ufpel.edu.br/labpve/>

que fazer o roteiro demorava para ser feito pelos alunos. Sendo assim o LabPVE acompanhou alguns professores na prática de sala de aula e como realizavam a criação do roteiro com seus alunos. Percebeu-se que um dos equívocos cometidos pelos professores, era justamente cobrar dos alunos um roteiro que utilizasse as técnicas de cinema para a escrita de roteiro, como se observa no Quadro 1.

Quadro1: Passos para Criação de um Roteiro no Cinema

Passos para criação de um roteiro no cinema	
1	Tema
2	História em Linhas
3	Sinopse
4	Escaleta
5	Roteiro.

Fonte: Adaptado de Comparato (1998)

O Quadro 1, demonstra o passo a passo de como fazer um roteiro, e esta técnica é muito próxima da educação bancária denunciada por Freire (1987), educação bancária é quando o professor transmite o conhecimento e espera-se que o aluno devolva a ele o mesmo que recebeu, como se fosse uma transação bancária.

Sendo assim, deu-se início a uma pesquisa, onde se analisou como poderia ser produzido um roteiro de uma forma diferente da que estava sendo realizada por estes professores. Com as pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Produção de Vídeo Estudantil (o grupo de pesquisa é uma das ações realizadas pelo LabPVE), percebeu-se que a área da Neurociência poderia ser uma grande aliada na compreensão das discussões que envolvem a criação de roteiro dentro da sala de aula.

Depois de 6 meses analisando e debatendo com professores e alunos do Festival de Capão do Leão, observou-se que o principal problema era a velocidade de pensamento dos alunos, que ocorria entre a criação e a escrita do roteiro. Um exemplo deste tipo de acontecimento, foi a criação de um roteiro feito pelos alunos, onde o título era: O assassinato misterioso. Os alunos fizeram uma reunião, em que primeiramente se

dividiram em grupos, em seguida escolheram o tema e escreveram a história em linhas, e decidiram que nela teria um assassinato. O aluno que estava escrevendo o roteiro, poderia se perder na escrita, pois a velocidade de pensamento do grupo, não era compatível com a sua agilidade e conhecimento para escrever determinadas palavras com a ortografia correta, assim, este aluno parava o processo de criação do roteiro, para tirar suas dúvidas em relação a escrita com os colegas, fazendo com que o grupo perdesse o *insight*. Deste modo, depois de refletir sobre estas ações, o Grupo de Pesquisa em Produção de Vídeo Estudantil, apresentou uma proposta para modificar esta ação apresentada no Quadro 1, e utilizou-se a técnica que chamamos de *Pitching* do roteiro.

***Pitching* x Roteiro**

O *Pitching* no cinema é a apresentação do roteiro escrito para comercialização, sendo assim não faz sentido dentro do processo educacional usar esta técnica, assim, o Grupo de Pesquisa em Produção de Vídeo Estudantil, reelaborou esta técnica dentro do processo educativo, fazendo com que o *Pitching* tivesse uma intencionalidade pedagógica, pois sem isso o fazer vídeo dentro do espaço escolar, passaria a ser inócuo para a produção de vídeo estudantil. O grupo pesquisou a relação da Neurociência no processo educacional mediado pela tecnologia e analisou como o roteiro poderia ser produzido de forma mais rápida pelos estudantes e professores. Em debates no grupo de pesquisa colheu-se alguns depoimentos de professores e analisou-se as ações dos docentes quando faziam vídeo com seus alunos, era preciso que o roteiro fosse realizado em um tempo menor. Depois de algumas discussões com o grupo de pesquisa criou-se o movimento de valorizar a criatividade dos alunos sem cobrar a grafia, pois esta seria uma ação da escola letrada. Fora sugerido aos professores, que pedissem aos alunos para criarem uma história oral sem escrever, apenas discutir as ideias oralmente. Neste processo, os grupos de alunos debatem suas ideias, criando e recriando histórias, no estilo Aristotélico (início, meio e fim) com base no seu conhecimento social de mundo.

No segundo passo, um grupo apresenta o *Pitching* da sua história, que é a apresentação da história oral criada por eles, para o restante da turma. Essa apresentação envolve todos os alunos da turma e contribuem para melhorar a história que o grupo deseja contar, como observar se a história que está sendo narrada não ofenda

determinados grupos sociais. É importante observar que a parceria entre o LabPVE e os professores de Capão do Leão, gerou uma organização da teórica que foi experimentada

<i>Pitching do Roteiro</i>		
1	Tema	Sem escrever apenas oralmente
2	Criação do Roteiro verbal	Sem escrever apenas oralmente
3	Pitching	Sem escrever apenas oralmente
4	Escaleta	Transcrever o áudio gravado pela professora da apresentação para a turma
5	Roteiro Final	

na
A
na

prática.
Teoria
Prática

Na cidade de Capão do Leão fora realizado um teste com a técnica *Pitching* do Roteiro, neste local todas as escolas são convidadas anualmente a participarem do Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão, que foi organizado em conjunto com a secretaria de educação no ano de 2016 pelo LabPVE. Era preciso testar esta nova teoria na prática, e concluir se era possível fazer um roteiro em sala de aula. Criou-se um passo a passo simples para essa transposição conceitual, conforme demonstra o Quadro 2:

Quadro 2 Pitching do Roteiro

Os passos práticos são apresentados no quadro a seguir

Quadro 3: *Passos práticos para o Pitching do Roteiro*

Passos práticos para o Pitching do Roteiro		Pitching do Roteiro
Passos	1	Desenvolvimento
		Sem escrever apenas oralmente
1	Separar a turma em grupos e limitar o tempo de debate em 15 minutos;	
2	Pedir para eles não escreverem nada, apenas debaterem sobre tema e como vai ser a história início – meio e fim;	
3	Depois de 15 minutos os alunos vão para frente da sala e explica de forma oral como é a história do curta deles;	
4	A turma escuta e ajuda criticando ou elogiando o trabalho;	
5	A docente grava a apresentação em áudio com o seu celular;	
6	Depois de finalizado o debate com a turma, o docente para a gravação do áudio e envia para o grupo.	

Fonte: Autores (2021)

Seguindo os passos do Quadro 2, depois do áudio gravado o aluno tem a escaleta pronta, pode sentar e transcrever o áudio, e se tiver alguma palavra que não conhece poderá pesquisar com calma. Assim, a proposta do LabPVE dentro deste recorte transversal ou no deslocamento conceitual, pode ser observada no Quadro 4:

No Quadro 3, observa-se que esta ação difere em alguns pontos do roteiro clássico conforme apresentado no Quadro1, isso é normal pois o deslocamento é justamente adequar a teoria a nova área. Essa ação foi então colocada nos cursos de roteiro para professores da Educação Básica, ministrados pelo LabPVE na modalidade EAD em 2019 (400 alunos), 2020 (400 alunos) e 2021(600 alunos). Alguns professores

que realizaram o curso, comentaram no questionário de inscrição sobre a dificuldade de se fazer roteiro com os alunos, reforçando que:

Tive muito interesse no curso pois faço vídeo com meus alunos e o roteiro geralmente demora 3 meses para ficar pronto. O curso de roteiro para produção de vídeo estudantil irá me ajudar muito a melhorar a qualidade nesse processo que estamos. (candidato 1032)

Melhorar o meu conhecimento na elaboração de roteiros. Já trabalhei com produção de vídeo, mas sempre fiz pesquisando na Internet, nunca fiz curso sobre isso e gostaria de fazer para aprender a fazer o roteiro de modo mais interessante. (candidato 650)

Enriquecer o currículo acadêmico e ampliar as condições de trabalho com meus alunos foram alguns dos motivos para minha participação no curso, bem como aprender a criar roteiros, tirar falhas, estruturar sequências de cenas e montar o vídeo final. Pois este curso de roteiro para produção de vídeos estudantil traz além de conhecimentos técnicos, a possibilidade de abertura de novos horizontes no mercado de trabalho dentro do âmbito educacional. (candidato 1231)

O roteiro é muito difícil de fazer e os alunos demoram a fazer. Aff! (Candidato 97)

Após participar do curso, alguns professores que tinham experiências anteriores em produzir vídeo com seus alunos foram convidados para discutir sobre a técnica do *Pitching* do Roteiro.

Já havia visto a diferença entre a produção da ideia do aluno na forma oral e depois na escrita. Muitas vezes a ideia falada era fantástica, mas quando ele passava para o papel perdia a essência. Consegui identificar o problema quando tive a aula de roteiro onde comprovadamente vi ser possível a falta, falha ou medo do estudante em colocar em palavras as suas ideias. Essa técnica de gravar o estudante e depois transcrever com ele o que ele pensou de uma forma bacana, trabalha junto com o professor a construção e o aprimoramento da língua de uma forma lúdica, sem pressão e faz também com que esses estudantes pensem e reflitam sobre as ideias e pontos de vistas colocados inicialmente. Particularmente passei a usar isso comigo mesma. Sempre tenho um caderninho na bolsa para anotar as ideias... Hoje uso o celular mesmo na rua fingindo estar falando com alguém. Resumindo a língua escrita ainda é uma barreira para certos grupos. A oralidade é mais fluida. (professora A, há 10 anos realiza vídeo com seus alunos na sala de aula no Rio de Janeiro).

Eu fiz o curso e gostei da ideia do pitching, eu ainda não apliquei com os alunos, mas acho que é a forma mais fácil deles montarem o roteiro, porque de todas as vezes que eu já fiz o roteiro, e já fiz com várias turmas é a pior parte para eles. Sempre reclamam que dá muito trabalho para fazer que perdem muito tempo e eles não querem colocar a ideia no papel querem simplesmente sair gravando. Depois que eles gravam, e até mesmo na gravação eles percebem como era bom ter feito o roteiro antes, porque aí eles teriam se organizado melhor. Eu acredito que a ideia do pitching é muito

válida, pois eles não precisam escrever eles podem simplesmente falar que eles querem e depois isso o material pode ser utilizado por eles para fazer a gravação do curta. Eu acho que é uma forma mais fácil, pois os nossos alunos não gostam tanto de escrever, preferem falar, gravar, já pôr em ação. Falar para eles é mais simples do que escrever e depois disso gravado (a apresentação do pitching no celular) eles podem se organizar em tópicos transcrever e verem o que vão usar. Essa ideia é bastante válida. Realmente quando eu for produzir os vídeos com os meus alunos novamente, vou utilizar essa ideia do pitching. (professora B, há 5 anos realiza vídeo com seus alunos na sala de aula em Santa Catarina)

O curso de roteiro para mim foi fantástico, pois aquele formato pílula do curso (os vídeos são curtos entre 3 e 9 minutos) ele traz informações importantes e não fica cansativo. O pitching eu acho fundamental, por que neste momento a gente tem através do audiovisual como desenvolver competências, pois o audiovisual ele já promove o desenvolvimento de competências socio- emocionais, pois o estudante precisa gerir tempo, se conhecer, conhecer a organização, passa a ter outro olhar sobre a sua organização resolver conflitos, precisa escutar o colega e de repente negociar os significados nesta escuta e as vezes pontos de vistas diferentes e antes do conflito se instalar, mas ele consegue negociar estes conhecimentos e o desenvolvimento da argumentação vai junto neste processo. E quando ele apresenta para outros grupos a ideia do roteiro existe uma maior negociação de significados com os alunos, pois eles têm uma ideia e apresentam a ideia e recebem a reflexão de outras pessoas de fora do grupo. Para mim deve ser um momento muito rico, ainda não coloquei em prática em função da pandemia, mas com certeza é algo que eu aprendi no curso e que eu com certeza vou colocar em prática quando voltarmos ao formato presencial. Eu só tenho a agradecer por essa reflexão da minha prática docente! E algo de fundamental importância para se instalar um ambiente de desenvolvimento de competência através da escrita do roteiro (professora C, há 9 anos realiza vídeo com seus alunos na sala de aula em Pernambuco)

Considerações Finais

Percebeu-se que essa técnica do *Pitching* do Roteiro criada pelo projeto de extensão LabPVE tem ajudado professores a criar roteiro com seus alunos. Destaca-se a importância do projeto de extensão ser ligado a comunidade e ao mesmo tempo ouvir as demandas da mesma e debater essas demandas com a comunidade. O *Pitching* do Roteiro é uma criação em conjunto realizando o deslocamento conceitual da área do cinema para a educação. Outros deslocamentos estamos pesquisando a pedidos da comunidade para melhorar essa produção de vídeo dentro do espaço escolar, defendemos que a relação da universidade com a comunidade é importante para ouvir e repensar e adaptar teorias para a prática do dia a dia.

REFERÊNCIAS

CATELLI, Rosana Elisa. **Dos “naturais” ao documentário: o cinema educativo e a educação do cinema entre os anos de 1920 e 1930**. 2007. 236f. Tese (Doutora em Multimeios), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

DAL PONT, Vânia. **Roquette Pinto e a Produção de Vídeo Estudantil**. Roquette Pinto: a revista do vídeo estudantil. Universidade Federal de Pelotas. 1ª ed. Março, 2017. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/2017/03/24/roquette-pinto-e-producao-de-video-estudantil/>. Acesso: 5 jan. 2021

FERREIRA, Amália da Motta Mendonça. **O cinema escolar na história brasileira: A sua resignificação através da análise do discurso**. 2004. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense (UFF). Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://silo.tips/download/universidade-federal-fluminense-centro-de-estudos-sociais-aplicados-programa-de>. Acesso: 17 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MOREIRA, Marcelo Dominguez Rodrigues. **Análise Do Discurso Sobre Cinema Educativo no Brasil na Década De 30**. 2014. 103f. Dissertação (Mestre em Memória Social) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (UFRJ). 2014. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Dissertações/Diss338.pdf>. Acesso: 24 jan. 2021.

PEREIRA, Josias. In: **O que é Produção de Vídeo Estudantil, 2016**, Pelotas, Anais I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil: Editora Rubra Cognitiva, 2016

PEREIRA, Josias.; MATTOS, Daniela Pedra. **A Utilização das Tecnologias na Prática da Sala de Aula: Entre Práticas e Teorias que se distanciam**. VI CBE – Congresso Brasileiro de Educação. 2017.

PINHEIRO, Maria Adalgisa Pereira. **Cinema e educação: modelos internacionais, impressos e intelectuais no Brasil n início do século XX**. 2015. 232f. Tese (Doutora em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1581/1/Cinema%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20modelos%20internacionais%20e%20impressos%20e%20intelectuais%20no%20Brasil%20no%20in%C3%ADcio%20do%20s%C3%A9culo%20XX.pdf>. Acesso: 22 março.2021.

SANTOS, Renata Soares da Costa. **Projeto à nação em páginas de Cinearte: A construção do “livro de imagens luminosas”**. 2010. 146f. Dissertação (Mestre em História), Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16765/16765_1.PDF. Acesso: 22 abril. 2021.

SERRANO, Jonathas; VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Cinema e Educação**. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1931.

SILY, Paulo Rogério Marques. **Casa de ciência, casa de educação: Ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)**. 2012. 399f. Tese (Doutor em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasiliana/media/paulorogerosily.pdf> Acesso: 10 maio. 2021.

Sites

BRASIL, Decreto - 21.240 de 1932 - <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21240-4-abril-1932-515832-norma-pe.html>

Site LabPVE - <https://wp.ufpel.edu.br/labpve/>

Site CBPVE - <https://wp.ufpel.edu.br/cbpve/>

Site Cursos de Vídeo - <https://wp.ufpel.edu.br/cursosdevideo/>

Recebido em Outubro 2022

Aprovado em Dezembro 2022